

DRUMOND, Roberto – *Quando fui morto em Cuba*. SP, Ática, 1982.

“A literatura não reproduz o real conhecido por outros modos, mas é ela própria instrumento de descoberta. Cumpre avaliar a informação nova que ela traz, dilatando as fronteiras do real.”

(Ruy Coelho)

Sem a tradicional indicação de que “qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência”, Roberto Drumond mais uma vez traz para a estória conhecidos nomes da História brasileira. São jogadores famosos, artistas, ministros, presidentes e exilados que sobreviveram ao período mais obscuro pós-64, todos convivendo com pessoas criadas pelo escritor mineiro, numa permuta de concretude e invenção, deixando implícito o questionamento dos limites entre a reportagem (que documenta o fato) e o texto dito literário (que provoca a ultrapassagem do fato), num jogo em que a consciência crítica permite a ampliação das fronteiras do real conhecido.

É exatamente por isso que a idéia de *jogo* já aparece no sumário de *Quando fui morto em Cuba*: os contos entram em campo distribuídos equilibradamente em 1º tempo, intervalo e 2º tempo. Além disso, o conto que dá título ao livro abre e fecha o volume de tal forma que suas duas versões – a erótica e a política – convidam o leitor a fazer um percurso esférico, pois o espetáculo só tem interesse pleno enquanto a bola não pára de rolar. Essa duplicidade, portanto, não é gratuita. É antes o reexame do acontecimento, a virada pelo avesso numa busca de maior descoberta e conhecimento, o que já se impõe pela ambigüidade do protagonista: homem que se transforma em mulher quando tira os óculos escuros e sorri mostrando os olhos verdes, na primeira leitura, e um dos meninos brasileiros que fizeram “guerrilha no quintal” transformado em vilão do sistema; ou, em síntese, o bode expiatório que precisa morrer.

A partir do segundo conto, a distinção entre Eros (em seu sentido maior de vida gratificante) e realidade castradora não é mais indicada pelo Autor. A própria elaboração da narrativa envolve o leitor numa atmosfera onde os contrários coexistem sem maniqueísmo, como se evidenciam em “Pela porta verde”: suprimindo o narrador, Roberto Drumond arma os diálogos como arames esticados, numa tensão de trapézios onde os personagens dão perigosos saltos sem a proteção das redes. Em “O rio é um deus castanho” o conflito entre a dor e o prazer se faz pela reiteração de uma simples frase: “Meu pai está morrendo dentro do quarto.”

No intervalo da partida temos os “últimos instantes do grande Heleno de Freitas no hospício de Barbacena” (vale a pena um confronto com *Maracanã, adeus* – de Edilberto Coutinho), onde uma outra imagem se reitera: a estrela solitária do Botafogo de Futebol e Regatas apontando para a solidão dos verdadeiros heróis nacionais condenados à marginalidade e, portanto, à solidão. Pois Heleno é antes de tudo um craque e, por isso, ele tem a antevisão do gol que nos devolverá a felicidade perdida. E ele “dribla a fome brasileira, dribla a solidão brasileira, dribla a mortalidade infantil brasileira, e vai evoluindo”, até que o seu gol de placa é anulado pela arbitrariedade: “o grande Heleno de Freitas tomba sangrando e suas últimas palavras são: – Ainda não é desta vez, Brasil, que a felicidade vai chegar para os brasileiros...”. O que nos resta, por enquanto, é um coração que capitula, mas grita: “Sede a esperança do mundo!” – como acontece em “Carta ao Santo Papa”.

No segundo tempo, as imagens líricas retornam sempre sufocadas pela violência dos tempos atuais: a dignidade humana e a bravura aprendidas com os elefantes (“Os elefantes se alimentam de flores”), a ternura pelo país não reencontrado (“Mis recuerdos de Maria”) e a angústia de saber que nos matam diariamente com tiros silenciosos que transformam “nosso coração num pássaro empalhado que já não canta...” (“Por falar na caça às mulheres”) – apenas para citarmos alguns exemplos.

*Quando fui morto em Cuba* é, assim, um retrato lírico e realista do Brasil a partir dos anos sessenta abrindo-se para uma reflexão atemporal. Mais do que isso até: é a tomada de

consciência inquietante e questionadora que nos faz perguntar mais uma vez se tudo que acontece no mundo é real mesmo, ou mera invenção de um escritor.

Jorge de Sá — professor de Literatura Brasileira na Universidade Federal Fluminense e autor de *Edilberto Coutinho: o espaço do jogo*.

Fundação Carlos Chagas, São Paulo — *Mulher Brasileira*, bibliografia anotada, Volume 2, São Paulo, Brasiliense, 1981. 395 p.

Nestes últimos anos o interesse desenvolvido para tudo que se relacione com a mulher brasileira repousaria na campanha encetada pelas feministas nos idos dos anos vinte e trinta deste século? Não se pode afirmá-lo. Certo é que se tem levantado uma série de temas ligados como, por exemplo, ao trabalho da mulher que vem se refletindo na mudança da mentalidade e da necessidade econômica dentro da sociedade devido ao crescimento urbano e industrial. Ou então, da utilização estereotipada da mulata e outras personagens femininas na literatura. A industrialização e a expansão das cidades são outros fatores que provocam a decadência dos pequenos sítios que vivem nos arredores das grandes aglomerações urbanas, transformando-os em assalariados e influenciando toda a estrutura familiar.

Todos estes temas e muitos outros vemos relacionados na bibliografia anotada sobre a *Mulher Brasileira*, publicação da Editora Brasiliense sob os auspícios da Fundação Carlos Chagas. Em 1979 saiu o primeiro volume deste importante empreendimento focalizando as áreas de História; Mulher na família; Grupos étnicos e o Feminismo.

Após um intervalo de dois anos apareceu em 1981, o segundo volume. O projeto que foi elaborado sob a égide do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas, contou, para a sua complementação, também com o auxílio financeiro da Fundação Ford.

As áreas tratadas neste segundo volume são as do Trabalho, Direito, Educação, Artes e Meios de Comunicação. Ainda assim, ficaram faltando outras cujo material também já foi levantado. Trata-se dos aspectos referentes à Demografia, Saúde e Psicologia. "Talvez o determinante maior da exclusão atual destas áreas seja a abordagem mixta desta Bibliografia: temática e disciplinar" (p. 8). E continuando, "Se a opção por este tratamento enriqueceu a compreensão de certos temas, refletindo as particularidades do concreto e da pesquisa, levou, por sua vez, certas disciplinas ao esgotamento. Tal fato se deu com a Psicologia que, por ter fornecido, no decorrer do trabalho, referências para outras áreas, desfigurou-se no final, enquanto conjunto integrado de conhecimentos."

Contudo, ao se organizar as áreas de Saúde e Demografia, surgiu um outro tema, não cogitado antes, que pela quantidade de material figurou-se como trabalho autônomo, constituindo-se num possível terceiro volume, que se publicaria sob o título *A Mulher e seu Corpo*.

Este segundo volume segue o mesmo esquema do primeiro, isto é, a cada área precede uma introdução, resumos e as referências bibliográficas. São coletados livros e artigos em revistas. Jornais, no entanto, foram excluídos. No final consta um índice de autores. Como o primeiro volume, abrange os trabalhos editados no Brasil e no exterior, até o ano de 1976.

Não há dúvida alguma que é um trabalho pioneiro entre nós e que serve de ponto de partida para qualquer pesquisa sobre a mulher brasileira. Achamos, no entanto, que não se deveria parar por aqui, dado o crescente interesse pelo tema. Deveria se cogitar, por isso mesmo, numa atualização das publicações saídas posteriormente, ou mesmo, numa complementação do que não fora encontrado então. Aliás, isso já fora sentido também pelo grupo, principalmente, da área de Artes e Meios de Comunicação, "pela defasagem entre a data esta-